

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Cláudio Antônio de Oliveira

O PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL DE JOVENS
ESTUDANTES: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM USO DE FILMES EM
SALA DE AULA.

Belo Horizonte

2012

Cláudio Antônio de Oliveira

O PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL DE JOVENS
ESTUDANTES: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM USO DE FILMES EM
SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Raimundo Lisbôa da Costa.

Belo Horizonte

2012

Cláudio Antônio de Oliveira

O PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL DE JOVENS
ESTUDANTES: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM USO DE FILMES EM
SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Raimundo Lisbôa da Costa.

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico
este trabalho
a minha mãe D.Elia,
a minha esposa, Silvania,
aos meus filhos, Lucas e Bento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as forças do bem que me iluminam e me guiam.

Agradeço a minha mulher Sylvania, pelo apoio e incentivo viabilizando a logística familiar, imprescindível para que eu pudesse realizar esse trabalho.

Agradeço a minha mãe, pelo seu amor e cuidado para comigo e com meus filhos.

Aos colegas de curso pela convivência e trocas de conhecimentos.

Agradeço as professoras de língua portuguesa Heloisa Ferreira e Lany, pelo empenho ao trabalhar as atividades desse Plano de Ação com os alunos.

Agradeço ao professor Jose Raimundo Lisbôa e a professora Shirley Miranda.

E finalmente agradeço a professora Yone Gonzaga, pela generosidade e cuidado na leitura e revisão desse texto.

“Para um ser que adquiriu a consciência de si e de seu corpo, que chegou à dialética do sujeito e do objeto, o corpo não é mais a causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto da consciência.”

Merleau-Ponty

RESUMO

Este Plano de Ação foi desenvolvido com o objetivo de compreender e contribuir com o processo de (re)construção da identidade racial de jovens estudantes da Escola Municipal José Maria dos Mares Guia. Além do referencial teórico sobre as relações étnico-raciais no Brasil, como metodologia foram utilizados a exibição de filmes e documentários, reforçando a utilização de uma mídia já conhecida pelos mesmos. Visando sensibilizar e despertar a atenção destes jovens para o estudo e a discussão das relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Identidade, autoestima, étnico racial, pertencimento, escola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Da trajetória pessoal ao plano de ação na Escola...: construindo identidades ...	9
1.2. Vida escolar: Ser Negro: O orgulho de ser o que sou...:	10
1.3. Vida familiar, graduação e paternidade	12
1.4. Graduação, docência	13
2. JUSTIFICATIVA	14
3. CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO	22
3.1. Características da escola	22
3.1.1. Histórico da escola	22
3.1.2. Identificação da EMJMMG	23
3.1.3. Estrutura Física EMJMMG	23
3.1.4. Recursos técnicos e pedagógicos da EMJMMG.....	23
3.1.5. A comunidade e o alunado	24
3.1.6. Projeto e programas da EMJMMG	25
4. OBJETIVOS DO PLANO DE AÇÃO	27
4.1. Objetivo geral.....	27
4.2. Objetivos específicos.....	27
5. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO.....	28
5.1. Identidades em negativo no espaço escolar	28
5.2. Identidade Negra e o resgate da memória.	30
5.3. Metodologia.....	31
5.4. Etapas do desenvolvimento do Plano de Ação.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
7. REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

1.1. Da trajetória pessoal ao plano de ação na Escola....: construindo identidades.

“No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente”

Frantz Fanon

O nascimento do meu 1º filho (Lucas) em 1990 provocou uma série de questionamentos na minha trajetória de vida. Trajetória que tomei consciência já nos ecos da tenra idade e que me acompanham. Hoje, ainda ouço a voz de uma prima me acordando dizendo: - Você quer ver seu Pai? (meu pai estava internado para tratamento de saúde e já não o via, se me recordo há uns três meses, eu com quase sete anos de idade. Era 13 de fevereiro, jamais me esquecerei desse dia.).

Abro olhos, viro para ela ainda sonolento, tentando elaborar a resposta positiva. Sentei-me na beirada da cama animado e disse: _ Quero sim! (A resposta que ouvi causou um impacto tão grande que hoje, passados mais de quarenta anos, ainda sinto a mesma sensação de estar preso naquela cama) _ Então, levante e se vista, pois, seu pai morreu...

Naquele ano de 1967 deveria ser o ano de meu ingresso na escola. O meu amigo e primo Sergio, de mesma idade, já frequentava o jardim de infância. Eu o via com a sua jardineira vermelha e a sua tão desejada merendeira e também queria a minha. E eu ali, dependurado no portão esperando minha hora de também poder ir para a escola: conhecer as letras, entender os números, desvendar o mundo. Todavia, minha inserção no universo escolar não ocorreu naquele fatídico ano, somente em fevereiro do ano seguinte. Eu já contava então, com oito anos e completaria nove no mês de junho.

O meu primeiro dia de aula na Escola Estadual Artur Joviano foi o segundo dia mais terrível de minha vida. Guardo comigo a lembrança desse dia: uma sensação de

medo aliado a um forte sentimento de incompetência e abandono (sensação essa que foi minha companheira por anos, até que um dia, finalmente, a abandonei em algum dos muitos divãs que frequentei na vida). Como tinha uma estatura elevada na infância em relação à minha idade, fui enviado a uma sala de alunos repetentes. Mal conseguia eu segurar o lápis e o choro. Meus pares já escreviam e copiavam aqueles símbolos desconhecidos que a professora escrevia no quadro. Ali, naquele momento, aprendi minha primeira lição de vida: estava sozinho e precisava me virar. O desespero se estalou e chorei copiosamente e, ao ser interpelado pela professora que queria saber qual o motivo de tanto choro, respondi que era por não saber escrever, nem ler, por nunca ter frequentado uma escola. Somente na idade adulta pude mensurar a importância daquele desabafo; ali começava a minha transformação de um indivíduo em um sujeito de direito com uma postura autônoma, perguntando e dizendo sem medo, reconhecendo e tentando conhecer, concentrado sempre em aprimorar.

O dia seguinte foi como se estivesse em outro mundo, fui do inferno ao céu. Finalmente encaminhado para uma sala de alunos novatos como eu, começando, enfim, de minha vida escolar.

1.2. Vida escolar: “Ser Negro: O orgulho de ser o que sou...”

Ao final daquele ano já dominava a escrita e ia muito bem na leitura. Todos, principalmente minha mãe, ficaram surpresos. Os quatro primeiros anos passados na escola foram de descobertas e reconhecimento de minha real condição de vida; órfão, de uma família pobre, negra... Ser negro, sinceramente, nunca me incomodou, mas incomodava aos outros. Era visto como aquele aluno “neguinho” que só tinha uma camisa branca e um short azul marinho já gasto, desbotado, que andava sempre limpinho, “escovado”, com um só caderno e constantemente colocado para fora da sala por nunca ter os livros didáticos. Apesar disso, mantinha a alegria, achava e ainda acho maravilhosa a sensação de me sentir vivo e atuante, sabia que fazia parte de algo que não dominava nem entendia, simplesmente vivia e sentia.

Naquela escola fiz alguns amigos e tive a atenção de poucos, mas bons professores, como a minha professora do 4ª ano, Dona Eusmália, uma negra retinta, muita simpática e enérgica, me beliscava sempre que saía da linha, como ela dizia. Foi com ela que aprendi a ter orgulho de ser o que sou e foi ela que me convenceu a assumir o papel de Dom Pedro I em uma montagem produzida pela escola especialmente para as comemorações do sesquicentenário da independência do Brasil. Eu recusava o papel dizendo que eu era preto e D. Pedro I era branco, que todos ririam de mim, no que ela replicava alegando ser apenas uma encenação, que eu não era Pedro I, apenas representava o seu papel em uma peça de teatro. Era uma fantasia e eu era um brasileiro, dizia ela, e tinha direito de representar esse vulto histórico, fosse qual fosse a cor de minha pele.

A peça foi um sucesso. Eu no palco gritando a plenos pulmões: “Independência ou Morte” enquanto desembainhava minha espada de espeto de churrasco e papel laminado que eu mesmo havia feito. Já a capa era de “verdade”: toda bordada. Até hoje não sei o porquê do sucesso, se era porque eu estava montado num cavalo de pau e usava uma bonita e dourada coroa de imperador. A receptividade foi tão grande que rerepresentamos a peça para os alunos do noturno. Ganhei até uma moeda comemorativa que tinha as esfinges de General Médici e Dom Pedro I lavradas em uma das faces, era o ano de 1972.

O sucesso alcançado com montagem da peça foi tanto que no ano seguinte, entre tantos alunos, fui o escolhido para hastear a bandeira, na comemoração do dia da bandeira. Era um dia nublado, todos perfilados em posição solene; a diretora, os professores, as serventes e todos os alunos. Lembro-me do silêncio solene que antecedeu a execução do hino nacional, executado pela banda da Polícia Militar, um dia memorável.

Já naquela época, comecei um embate contra toda forma de discriminação e preconceito como resposta ao incômodo provocado quando ouvia em sala, no pátio, na cantina ou nas passagens pelos corredores da escola apelidos que muito constrangiam como tiziu, macaco, urubu. Essa situação só melhorou quando comecei o 3º ano, quando conseguia me defender, nem tanto pela força física, mais pela perspicácia de minhas tiradas mordazes e ácidas. Logo, os detratores

perceberam que o melhor era me deixarem em paz ou poderiam ser vítimas de alguma alcunha criada por mim, que grudava como chicletes... .

A leitura foi nessa época minha companheira. Embora não fosse o primeiro aluno da classe, tinha um desenvolvimento razoável. Minha mãe não tinha condições financeiras para comprar todos os materiais escolares. Livros? Se bem me lembro, só os tive na 5ª série.

Os livros de literatura passaram desde cedo a fazer parte de meu cotidiano. Eram meus amigos e estavam acessíveis na biblioteca, um dos meus lugares preferidos. Se eu não tinha muita coisa, tinha a possibilidade através da leitura de viajar por onde quisesse e minha imaginação levava-me a ser quem quer que fosse.

1.3 Vida familiar, graduação e paternidade.

Em minha cabeça tudo era diversão e deleite e ainda não dava devida importância às minhas origens. Sou de uma família de classe média baixa, minha mãe: D. Elia, de raça negra e meu pai, Seu Paulino, de pele mais clara, considerado branco ou quase branco, moreno claro (sic.).

Sou o terceiro de cinco irmãos de uma família marcada pela morte repentina do pai aos 40 anos de idade, deixando uma mulher jovem, 36 anos, “do lar”, com 4º ano de grupo, e cinco filhos com idade entre três e dez anos para criar. Entretanto, possuidora de grande sensibilidade, inteligência, firmeza e clareza nas posições, uma força interior que até hoje, com mais de 80 anos, admiro e respeito. Muito do que sou, devo a essa mulher, com ela aprendi principalmente a respeitar para ser respeitado. E foi observando-a em sua árdua luta diária que compreendi o real valor e a nobreza do trabalho. Vem dela também meu interesse pelo estudo. Leitora compulsiva de jornais, revistas, romances, novelas, ela estimulou e cobrou nossa presença minha e a de meus irmãos na escola.

No início da década de 80, comecei a trabalhar como bancário e retomei meus estudos, no período noturno. A minha opção foi a de cursar uma graduação em Arte, na Escola Guignard, que na época funcionava nos porões do Palácio das Artes.

Esse período foi importante para constituição do que sou, tive oportunidade de entrar em contato com o conhecimento do universo artístico. Porém, tive de abandonar a escola três anos aproximadamente após o início, não concluindo assim a graduação.

1.4. Graduação, docência

Em 1989, minha companheira engravidou de meu 1º filho, Lucas. Tomei a decisão que vinha protelando: retomar meus estudos. Prestei então o vestibular, fui aprovado e comecei a cursar a Escola de Belas Artes/UFMG, bacharelado em desenho, concluído em 1994. Sentia a necessidade de aprofundar meus estudos, e em 1997, concluí a Licenciatura Plena em História da Arte, desenho e Plástica, habilitando-me assim para a profissão que só viria a exercer no ano de 2002, após de ter sido convidado para desenvolver um trabalho com vínculos formais (professor da rede estadual) com crianças de uma escola do aglomerado da Serra - favela do cafezal.

O olhar desolado com que a princípio via a comunidade escolar foi sendo modificado com a convivência, permitindo-me perceber que além das carências, da situação de miserabilidade estavam ali crianças como quaisquer outras, com seus sonhos e fantasias e uma gana de viver enorme. Só me desliguei daquela escola, quando fui convocado, para assumir o cargo público de professor de Arte nas redes municipais de Betim e Belo Horizonte.

Como a minha trajetória e a construção de minha identidade negra foi algo complexo, em virtude de como são as relações étnico-raciais no Brasil, propus o presente estudo para compreender e contribuir com o processo de construção de identidade de estudantes negros da Escola Municipal José Maria dos Mares Guia. Penso que é responsabilidade da escola, enquanto instituição formadora, provocar mudanças nas relações e contribuir com o estabelecimento de laços de solidariedade entre os sujeitos.

2. JUSTIFICATIVA

A escola pública possibilitou-me contato com os jovens da periferia urbana e esse encontro deixou-me estupefato e angustiado; deparei com jovens estudantes que não sabiam ler, apesar de muitos terem mais de cinco anos de escola, não estavam interessados nem preocupados como ocorreriam suas inserções no mercado de trabalho. Estavam muito envolvidos com o manuseio de suas mídias eletrônicas móveis, as tecnologias contemporâneas de comunicação; celulares, tablet's, smartphones.

O desinteresse total com a sua instrução e a resistência em aceitar a didática escolar, implicação inerente do ensino aprendizagem, confere a esses indivíduos uma postura que não pode ser classificada como acomodada ou fatalística por não representar uma ausência de perspectivas de futuro. A realidade é: simplesmente eles não se interessavam pelo amanhã. O futuro para eles é o hoje, o aqui, o agora. Tendo como uma voz (mantra) recorrente: _ O que eu quero? _Eu busco. _ Se não me derem? _Eu tomo! E sigo em frente.

O não reconhecimento das normas da instituição de ensino, das regras e dos deveres dos cidadãos é para esses jovens um mecanismo de defesa e negação de uma relação social da qual não se sentem integrantes nem integrados, não se consideram, portanto sujeitos, cidadãos, plenos de direito.

Estudantes adolescentes quando utilizam estratégias radicais com o intuito de apropriação do espaço escolar, estão buscando ao descaracterizá-lo com pichações, inscrições de códigos próprios, transformá-lo em uma extensão de seu espaço de convivência social. A “anomalia” dessa atitude não se encontra na busca, nem na apropriação dos espaços, reside na tentativa de substituição de um por outro, caracterizando-os como excludentes, o que não são.

A escola pode e deve ser um espaço que comporte, além do ensino aprendizagem, o convívio, as relações sociais, em um processo concomitante de inteiração. Entretanto, não podemos deixar considerar que até há pouco tempo era natural a escola ser uma extensão da família, do lar, o que hoje soa anacrônico. A estrutura familiar está modificada. Famílias onde pai e mãe coabitam juntos com os filhos hoje

são cada vez mais raras. A realidade é das diversidades de formatos e formas de ordenamento, expressas na inversão dos papéis históricos dos constituintes do núcleo familiar; ser “o chefe”, “o provedor” da família já não é tarefa exclusiva de um gênero ou definida pela ascendência.

Os alunos que apresentam um baixo rendimento escolar, demonstrando dificuldades na aprendizagem, pouca concentração e ausência de compromisso com o ensino e a práxis institucional acadêmica, indicam que esse comportamento tanto é consequência da falta de sinergia com a efetiva proposta curricular adotada, quanto resultante do desconhecimento por parte da instituição da vida pregressa de seus alunos.

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de repetência e evasão escolar altamente elevado do alunado negro, comparativamente ao do alunado branco. Sem minimizar o impacto da situação socioeconômica dos pais dos alunos no processo de aprendizagem, deveríamos aceitar que a questão da memória coletiva, da história, da cultura e da identidade dos alunos afrodescendentes, apagadas no sistema educativo baseado no modelo eurocêntrico, oferece parcialmente a explicação desse elevado índice de repetência e evasão escolares. (MUNANGA, 2005, p.16)

A escola não considera as diferentes origens e formações de seus entes, nem reconhece que este desconhecimento contribui para que os estudantes tenham um comportamento considerado por ela “inadequado”. Também não considera que essa postura possa ser uma resposta dos jovens a uma necessidade de resistirem diante de uma escola que os não os enxerga como realmente são, uma escola que se vê de maneira idealizada desejando alunos ideais; uma escola irreal, com códigos que para os alunos são incompreensíveis, indecifráveis.

[...] a escola não atua pela inculcação da cultura dominante às crianças e jovens das classes dominantes, mas, ao contrário, por um mecanismo que acaba por funcionar como mecanismo de exclusão. O currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem

dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante. As crianças das classes dominantes podem facilmente compreender esse código, pois durante toda sua vida elas estiveram imersas, o tempo todo, nesse código. [...] Em contraste, para as crianças e jovens das classes dominadas, esse código é simplesmente indecifrável. (SILVA, 2003, p. 35)

Motivações razoáveis para, sendo oriundos da mesma comunidade, adotarem linguagens e códigos próprios, posturas e respostas de grupo, atrelado às características ontológicas inerentes da juventude: contestação das normas e das regras estabelecidas, a indolência, a rebeldia, posturas típicas da adolescência.

Os jovens que frequentam a escola pública são parte das camadas mais pobres da população e parece não ter a consciência dos processos de exclusão social que lhes é imposto, nem de que essas razões são econômicas, sociais, políticas e que nesse contexto esta inserida fortemente a perspectiva étnico-racial. As questões relativas às relações étnico-raciais não só devem ser inseridas no currículo da escola por força da lei 10.639/03, como precisam ser implementadas efetivamente, no sentido de ensejar ações de reconhecimento e respeito à pluralidade e a diversidade da população brasileira.

Aspectos do cotidiano escolar como currículo, material didático e relações interpessoais são hostis e limitadores de aprendizagem para os (as) alunos (as) negros (as). Nesses espaços, as ocorrências de tratamentos diferenciados podem conduzir, direta ou indiretamente, à exclusão deles (as) da escola, ou ainda, para os (as) que lá permanecem, à construção de um sentimento de inadequação ao sistema escolar e inferioridade racial. (CAVALLEIRO, 2005, p.69)

No contexto das relações étnico raciais na escola, este Plano de Ação tem como foco principal intervenções pedagógicas em sala de aula, com o intuito de promover ações que oportunizem, possibilitem, deflagrem o início do processo de (re) construção da identidade racial dos alunos.

Esse recorte surge a partir das dificuldades observadas no desenvolvimento da temática com os alunos da escola Municipal José Maria dos Mares Guia – EMJMMG. E é também decorrência dos dois anos de estudos na UFMG/FaE/LASEB, sobre Relações Étnico Raciais no Brasil e na escola. Sendo um ano de efetiva discussão e

trabalho com a temática das relações étnico-raciais e a implementação da lei 10639/03 na EMJMMG.

Para essa opção contribuem também minhas reflexões que resultaram no entendimento que essa postura de não reconhecimento de si, não aceitação das normas de grupo, é consequência direta do desconhecimento do sujeito das suas origens e pela ausência de possibilidade de vir a ter de ver seu pertencimento étnico racial reconhecido, aceito e valorizado. Também pelo cerceamento de seu direito ao acesso a sua historicidade, direito básico de pessoa humana que lhe foi negado, deturpado.

É necessário discutir as distorções que possam ter prejudicado os processos de afirmação da autoestima da população de origem negra neste campo de batalha simbólico, que se trava cotidianamente no nosso mais importante meio de comunicação de massa, a televisão. (ARAÚJO, 2000, p.21)

Geralmente, o jovem negro não tem uma visão positiva sobre si e suas origens. Cotidianamente convive com uma imagem negativa, alimentada todos os dias pela construção estereotipada produzida e reproduzida na mídia, a qual situa o negro, ora em uma posição marginal, com pouca ou nenhuma índole ética, ora como um o bom “negro”; cordato, gentil, subserviente, uma caricatura bufa destituída de livre arbítrio e autonomia.

O processo midiático que vivenciamos no Brasil contribui muito para alterar a identificação desses sujeitos. Ainda hoje o que vemos nas revistas, sobretudo na TV, e a representação de um povo cujo fenótipo é “claramente” de origem europeia, e o biótipo padrão aceito é o longilíneo, branco, de traços suaves.

Uma das causas da invisibilidade dos afros descendentes na mídia impressa e televisiva reside na peculiaridade do preconceito praticado no Brasil, conhecido como preconceito de marca em que a origem racial é pouco relevante e é a discriminação fenotípica que vigora; aquela que considera a tonalidade da pele, o tipo de cabelo e o formato de partes da face; nariz, boca etc. também estabelece

que quanto mais próximas forem as características pessoais do sujeito em relação a um tipo negroide, maior é a probabilidade que essa pessoa venha a ser discriminada ao longo da vida.

A indústria de imagens da sociedade de massa nasceu após a consolidação desse imaginário racista. Assim, a expansão da fotografia e, posteriormente, do cinema (da televisão) serviu para difundir a hierarquia fenotípica centrada nos brancos europeus que inventaram essas tecnologias. Enquanto todos os povos não brancos, em alguma medida definidos como imperfeitos, exibem as variadas marcas da sua segunda pele, o branco ocidental parece apresentar-se como o único grupo humano não marcado; ou seja, o único grupo cujos atributos de humanidade já estariam expressos na primeira pele, na pele puramente biológica. Obviamente, trata-se de uma fantasia, as mais das vezes inconsciente, de excepcionalidade, cujos efeitos de violência, física e simbólica, sobre todo o mundo ainda não foi suficientemente avaliada. Essa ideologia de um corpo branco perfeito, belo, inteligente e poderoso, sem marcas étnicas que poderiam “enfeia-lo” foi construída no contexto de uma geopolítica colonialista de inferiorização e dominação sobre os não brancos do planeta. Tão poderosa mostrou-se, porém, que os próprios brancos passaram a não mais enxergar a sua segunda pele e começaram a construir uma imagem do poder, da riqueza e da beleza como fenômenos passíveis de manipulação através de intervenções na sua anatomia, isto é, diretamente na primeira pele. Ou seja, passou-se a intervir na primeira pele, não mais para marcá-la como exemplo de um grupo singular de seres humanos, mas como se fosse uma alteração direta da pele biológica, um aperfeiçoamento da herança genética individual. Que fique claro, todavia, que a brancura e a loirice que se espalha hoje não se referem de fato ao fenótipo europeu predominante, mas a uma loirice virtual, ou hiper-real. (CARVALHO, 2012)¹

O lócus escolar reproduz essa degenerancia em escala ampliada quando não observa a idade e as fases de formação dos receptores; crianças e jovens em formação, cerceados no direito do conhecimento de sua ancestralidade, no direito de conhecer sua história e não “uma única Historia”, de construir uma identidade e integrar seu grupo étnico. Outros fatores contribuem para que esse quadro, como a discriminação presente nos livros didáticos, a parcimônia de alguns gestores e professores que preferem a comodidade de uma posição arraigada no conforto e na

¹ CARVALHO, José Jorge. Disponível em < http://www.revistacinetica.com.br/cep/jose_jorge.htm >

leniência de um discurso que já não mais se sustenta; o da estabilidade e equidade étnico-racial na escola.

No que tange ao material didático [...] constata-se que esse não constitui um elemento que contemple a diversidade racial presente na escola. As ilustrações presentes nesses recursos pedagógicos, embora seja possível reconhecer personagens negros, são, em sua maioria, representações de personagens brancas, [...] a disparidade nas representações de personagens negras e brancas pode ser fonte de rebaixamento de autoestima e um facilitador para a construção de autoconceito negativo por parte das crianças negras. E, diametralmente, que pode ser fonte de construção de um sentimento de superioridade por parte das crianças brancas, pelo simples fato de terem a pele branca e fazerem parte, portanto, do grupo que constitui a maioria em ilustrações e referências culturais e históricas nesse tipo de material – o que sinaliza a referência de poder, beleza e inteligência. (CAVALLEIRO, 2005, p.83)

É premente e necessário à escola empreender ações que possam resgatar esses alunos deste estado de apatia, conformismo e ignorância a cerca do valor de sua história, de suas raízes, dando lhes a ciência de que são cidadãos e sujeitos autônomos e a consciência que cidadania e autonomia são conquistas alicerçadas nos direitos e deveres que devem ser seguidos e cumpridos por todos. Considerando ainda que para os estudantes o papel de real formador é desempenhado pelos colegas de escola e da rua. Por isso, as questões de pertencimento étnico devem ser abordadas em sala de aula, possibilitando aos estudantes se reconhecerem como negros, afrodescendentes, e saberem mais de suas raízes africanas.

Pretende se que este Plano de Ação seja múltiplo e libertador, que considere as diferenças étnico-raciais como uma questão histórica e política, buscando identificar, reconhecer, resgatar e reafirmar o pertencimento étnico racial e a sua importância para a construção na identidade do sujeito.

A opção por áudios visuais (vídeos) vai além da facilidade concreta de aquisição e utilização desse instrumento pedagógico, uma vez que os alunos têm familiaridade com essa mídia. Além disso, há disponibilidade na escola de aparelhos reprodutores,

DVD, Data show e a multiplicidade de autores e visões sobre o tema disponíveis. Nesse sentido, foram escolhidos para esse Plano de Ação três vídeos contemporâneos, que abordam questões relativas a pertencimento e identidade étnico racial:

- A. “O perigo de uma única historia” é o título de uma palestra, proferida no ano de 2009, pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie, em um foro de exposição e discussão de ideias - TED Technology, Entertainment, Design, organização que tem como slogan: “ideias que valem a pena propagar”. Ela discorre nessa palestra sobre a sua história, indo da infância na Nigéria, adolescência, até a idade adulta quando foi cursar a universidade Estados Unidos e viajava pelo mundo. Fala do como sua convivência familiar e sua visão de mundo, foram modificadas no decorrer de seu percurso por diversas forças internas e externas e de como ela se descobriu presa a uma só visão, uma única concepção de mundo, uma única da historia, enfim do perigo que representa ter uma única historia ou nos atermos a uma esquecendo-se das várias outras versões.

- B. “Vista a minha pele” Direção: Joel Zito Araújo. Brasil, 2004 é uma divertida paródia da realidade brasileira, para servir de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala de aula. Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Maria é uma menina branca pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa de estudos que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. A maioria de seus colegas a hostilizam, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade. Maria quer ser "Miss Festa Junina" da escola, mas isso requer um esforço enorme, que vai desde a predominância da supremacia racial negra (a mídia só apresenta modelos negros como sinônimos de beleza), a resistência de seus pais, a aversão dos colegas e a dificuldade em vender os bilhetes para seus conhecidos, em sua maioria muito pobre.

C. “A negação do Brasil” filme documentário que narra a história da trajetória do negro na teledramaturgia Brasileira, trabalho de Joel Zito Araújo – cineasta e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USPF. Sua tese de doutoramento na ECA. A obra visa fundamentalmente mostrar que apesar de representar parcela expressiva da população e da cultura brasileira, os negros têm sido ignorados na ficção ou vêm sendo retratados de modo negativo ou estereotipado, quase sempre como pessoas subalternas. Apesar de ter constatado que a memória das telenovelas produzidas nos anos 60 estava irremediavelmente prejudicada, o autor resolveu estudar o período que vai de 1963 a 1997. Entremeando depoimentos de atores negros, dados de pesquisas e levantamentos feitos em livros e arquivos das televisões brasileiras, o autor traça um dos mais completos retratos da presença do negro na ficção seriada brasileira.

3. CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

3.1. Características da escola

O breve histórico da escola e o dados que se seguem, foram compilados dos conteúdos contidos no PPP - Projeto Político Pedagógico e, no Regimento Escolar da EMJMMG.

3.1.1. Histórico da escola

Inaugurada em 1992, a Escola Municipal José Maria dos Mares Guia (EMJMMG) situa-se na Rua dos Beneditinos, número 180, no bairro Heliópolis e atende, além dessa população, aos moradores e moradoras dos bairros São Bernardo, Planalto, Parque Aviação, Júlio Maria, São Tomaz, Vila Biquinhas. O público é bastante diversificado. Do primeiro ao terceiro ciclos funcionam no diurno, e a Educação de Jovens e Adultos, no Noturno.

A escola parece ser vista, de modo geral, pela comunidade como um espaço realmente público no sentido do acesso e da gestão. Observamos a presença da comunidade nas diferentes ações propostas (festas, ação global, oficinas da Escola Aberta, dentre outras), bem como um aumento progressivo, ao longo dos anos, da participação em assembleias e um interesse em se fazer representar no Colegiado, sugerido pelas inscrições de candidaturas que normalmente ultrapassam o número de vagas e propiciam o exercício da competição democrática.

Do mesmo modo, observamos solicitações do espaço para realização de ensaios de grupos culturais (dança de rua, grupo de samba) ou treinos/campeonatos esportivos com objetivos diversificados, em alguns momentos relacionados à elaboração de estratégias para se amenizar a violência decorrente do tráfico de drogas e da existência de gangues que disputam o território dos bairros São Bernardo e São Tomaz.

3.1.2. Identificação da EMJMMG

Atendendo a aproximadamente 1200 alunos em três modalidades de ensino: Educação infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. A filosofia da Escola Municipal José Maria dos Mares Guia é atender o aluno na sua formação total. Para isso, integra vários programas da Prefeitura de Belo Horizonte.

A escola e a UMEI estão localizadas sobre uma grande área de terreno de brejo. Contam as pessoas da comunidade que a água da biquinha era tão limpa que era local de piquenique e lazer. Mas com a chegada desordenada de tanta gente, os esgotos foram sendo jogados no córrego e hoje a qualidade de vida aqui não é das melhores.

3.1.3. Estrutura Física EMJMMG

A EMJMMG é relativamente nova (19 anos), está instalada num prédio de excelente construção. Conta com 14 salas de aula, 1 sala de professores, 1 sala de secretaria, 1 sala de coordenação, 1 sala de direção, 1 sala de computadores para uso do professor, 1 laboratório de informática, 1 biblioteca, 1 sala de multimídia, 1 cantina, 1 almoxarifado, 1 quadra descoberta, 1 ginásio poliesportivo, 1 sala de mecanografia, banheiros de alunos e banheiros de alunas, banheiro de funcionários e banheiro funcionárias e banheiro de professores e banheiro de professoras, 1 sala de estudos pequena (atualmente ocupada pela turma de surdos á tarde), 1 pátio coberto e um pátio descoberto, uma grande área livre e ainda contamos com uma horta.

3.1.4. Recursos técnicos e pedagógicos da EMJMMG

A escola se encontra equipada para dar consecução as suas atividades educacionais. Conta com 7 aparelhos de TV, 10 aparelhos de DVD, 2 aparelhos Data Show (um móvel e um fixo), 6 aparelhos de som portáteis, 2 aparelhos de som profissional, 1 filmadora digital, 2 máquinas fotográficas digitais, 23 Pcs todos com sistema operacional LINUX, e 1 duplicadora.

Oferecendo educação infantil e ensino fundamental. Em 2011 a Escola conta com 14 turmas de E.I, 27 turmas de E.F, seis turmas de EJA e três turmas de Floração, contando com 31 cargos de Educadores Infantis, 53 cargos de professores em seu quadro , mais 1 secretária, 3 auxiliares de secretaria, 3 auxiliares de biblioteca, 4 professores em Readaptação Funcional,4 agentes de informática,10 monitores de apoio a inclusão,8 monitores Escola Integrada, 2 professores no PST(Programa Segundo Tempo) e dois estagiários no PST , 2 coordenadoras de UMEI, 1 diretora, 1 vice-diretora e 1 vice-diretor de UMEI.

3.1.5. A comunidade e o alunado

A EMJMMG está localizada na Rua dos Beneditinos próxima ao Posto de Saúde Heliópolis, vizinho dos bairros São Tomaz, Vila Biquinha, São Bernardo nomes conhecidos pela violência que marca o seu dia a dia ligados principalmente a problemas de consumo e tráfico de drogas e disputa pelas “Bocas” geralmente terminando em assassinatos.²

Há toda uma população pobre e trabalhadora convivendo com o crime e a marginalidade e sem outra condição de moradia. Muitas vezes, os próprios filhos na marginalidade e estes “jurados, não têm onde se proteger ficando apenas esperando a morte bater em sua porta”.³

O alunado da EMJMMG não difere muito dos de outras escolas públicas da periferia de Belo Horizonte. Carente, alguns provenientes de lares desfeitos ou desestruturados pela falta de emprego ou atividade econômica, alcoolismo, uso de drogas e violência doméstica.

Fazendo parte da comunidade é fundamental que a Escola conheça o contexto social de sua vizinhança. Conhecer a comunidade em que está inserida e, portanto seus alunos, suas necessidades, suas potencialidades e expectativas, adequando a

² O texto foi literalmente copiado como esta registrado no regimento escolar da EMJMMG. Aponto para o modo preconceituoso como a comunidade é descrita e para o fato de que mesmo que fosse a realidade, não seria este o local adequado (no regimento), servindo apenas para “oficialmente” estigmatizar a comunidade e os alunos.

³ Ênfase a visão discriminatória e fatalística, visto não existir ligação inerente entre: trabalhador, pobre, filhos, marginalidade e morte.

eles seu trabalho de atendimento educacional, é a única forma possível para a Escola atender às suas finalidades – formar cidadãos conscientes e capazes, fornecendo ainda as capacidades e habilidades necessárias à sua inserção no ambiente social.

Há toda uma população pobre e trabalhadora convivendo com o crime e a marginalidade e sem outra condição de moradia. A Escola mantém um bom relacionamento com a comunidade

Importante ressaltar que a Escola tem realizado uma campanha permanente junto aos familiares dos/das estudantes (mães, pais, tios/as, avôs/os), incentivando-os/as a retornar aos estudos, tendo em vista que a maioria destes adultos/as, no passado, foi excluída do processo educacional. Neste último caso, a Escola tem observado que a criança ou adolescente, cujo responsável é também um estudante no mesmo estabelecimento, passa a comprometer-se mais com os estudos e a relacionar-se melhor com o ambiente escolar.

A relação dos estudantes com o ensino aprendizagem tem representado um desafio para o corpo docente da instituição. Neste sentido, vários projetos pedagógicos vêm sendo implementados com a finalidade de atender aos/às estudantes que apresentam defasagem no aprendizado das competências e habilidades apontadas para o Ciclo de Formação cursado. Dentre estes projetos, podemos destacar o da Alfabetização que atende, sobretudo, aos/às estudantes do 2º ciclo e o da Rede do 3º Ciclo (desde 2003), que conta com acompanhamento do Núcleo de Alfabetização e Letramento da Secretaria Municipal de Educação.

3.1.6. Projeto e programas da EMJMMG

Outros projetos e ações foram ou são desenvolvidos pela Escola, em determinados momentos, com o intuito de estimular a reflexão do coletivo e possibilitar a discussão ampliada acerca de uma temática. Neste caso, apontamos o projeto “Cantando a História do Samba” com o objetivo de estudar a História do Brasil contada através do samba, bem como retratar a formação cultural do povo brasileiro, invocando as suas origens africanas; o “Fórum Sobre a Cidadania e o Lixo” com o objetivo de chamar a

atenção para a necessidade de não jogar lixo nos córregos. A partir disso houve uma parceria com a Superintendência de Limpeza Urbana - SLU, para recolher lixo doméstico dos moradores da região através de carrinhos de mão; a “Caminhada rumo à nascente do córrego da Vila Biquinhas” propôs um trabalho de intercâmbio com a comunidade, valorizando as nascentes da região; o “Culto Ecumênico” utilizando de temáticas sociais, tais como a “PAZ”, “amor ao próximo” e “inclusão” visando possibilitar a comunidade escolar uma reflexão e construção de um momento de oração coletiva. “Marcha em defesa da Escola Pública de Qualidade” divulgando o direito de uma escola pública que atenda as demandas da comunidade.

Existe um apontamento para a construção de estratégias que visem à melhoria do desempenho escolar dos/as estudantes, que sejam compartilhadas com as famílias e que correspondam às alternativas à retenção. Dentre as estratégias em andamento, podemos mencionar os diversos projetos já comentados anteriormente.

Desde 1998, a escola vem desenvolvendo estratégia para inclusão de estudantes com necessidades especiais. A Escola Municipal José Maria dos Mares Guia tem também investido em ações e projetos intersetoriais com o Centro de Saúde do bairro Heliópolis, o Fórum de Atenção à Criança e o Adolescente, a Secretaria Municipal de Saúde (através dos Agentes Comunitários de Saúde), os Programas Bolsa-Escola (Municipal) e Bolsa-Família (Federal), a Gerência Regional de Educação Norte, o Conselho Tutelar- Norte, o Centro Cultural São Bernardo, o Serviço de Orientação Sócio Familiar, o Núcleo de Atendimento à Família.

4. OBJETIVOS DO PLANO DE AÇÃO

4.1. Objetivo geral

- Incentivar a (re) construção da identidade étnica dos alunos através de discussões em sala tematizando as relações raciais; preconceito, racismo e discriminação racial.

4.2. Objetivos específicos

- a) Analisar e discutir os perigos de “uma única história” em contraponto a história dos alunos (as) e de suas famílias e às estórias não divulgadas.
- b) Problematizar as práticas de naturalização do racismo na escola.
- c) Discutir a veracidade da representação e do papel relegado aos negros e afrodescendentes na teledramaturgia brasileira.
- d) Desenvolver e fortalecer autoestima dos jovens afrodescendentes através da adoção dos princípios, fundamentos e propostas de trabalho a partir das orientações contidas na Lei 10.639/03.

5. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

“... Há ainda um espaço ainda mais abjeto, um temerário “não lugar”, no qual está inserida a alteridade. Pessoas a quem se negou o direito de adotar a identidade de sua preferência, essa denominada “subclasse”, mergulhada num poço para além dos limites da sociedade, vê-se negada, a priori, de qualquer outra identidade senão aquela que lhe é imposta pelo status quo.”

Tomaz Tadeu da Silva

5.1. Identidades em negativo no espaço escolar

As crianças e os adolescentes afrodescendentes convivem com ambiguidades em suas vidas e nas vivências no espaço escolar ao terem que assimilar atributos, modelos e padrões estéticos que não reproduzem suas características étnicas e sua cultura. Cultura essa que quando representada é, na maioria das vezes, apresenta aspecto folclórico, alegórico, quando não pejorativo.

Um olhar um pouco mais atento e preocupado com as relações estabelecidas na escola flagra situações que constata a existência de um tratamento diferenciado que hierarquiza o pertencimento racial dos alunos. Essa diferenciação de tratamento, uma atitude antieducativa, concorre para a difusão, a reprodução e a permanência do racismo no interior das escolas e na nossa sociedade como um todo. O conflito e a discriminação raciais na escola não se restringem às relações interpessoais. Os diversos materiais didático-pedagógicos – livros, revistas, jornais, entre outros – utilizados em sala de aula, que, em geral, apresentam apenas pessoas brancas com e como referência positiva, também são ingredientes caros ao processo discriminatório no cotidiano escolar. (CAVALLEIRO 2005, p. 13)

O pesquisador Castells (1998) argumenta que:

Identidade é processo pessoal de construção de significados a partir da percepção de atributos culturais, e esses conjuntos inter-relacionados são fontes de significados para atores sociais e esses conjuntos são formados a partir de instituições dominantes; “Identidades organizam significados,

enquanto papéis organizam funções. Significado é a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator.” CASTELLS (1998, p.23).

Os processos de construção da identidade têm na escola seu principal campo de ação e desenvolvimento, espaço de socialização apartado da consanguinidade onde é proporcionando à criança experiência sistematizada de contato com o outro. Os construtos sociais e culturais são selecionados e transmitidos pela escola à criança, esses referentes moldam sua identidade social e pessoal.

A identidade social surge do processo de identificação do indivíduo com aqueles considerados importantes em sua socialização. Logo a identidade social se inter-relaciona com a identidade pessoal; sendo assim, não existe a possibilidade de uma identidade pessoal desvinculada da identidade social (SILVA,1995, p. 26).

Como espaço de socialização é responsabilidade da escola, segundo Gomes (2003), enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, engendrar ações que modifiquem e impeçam que a escola seja um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas.

Ser negro é um fato do qual os indivíduos não podem fugir. Está em sua história, nos traços característicos da pele, na fisionomia, entretanto a formação de sua identidade deve ser construída a partir de um corpo negro num mundo branco. Como é possível reconhecer-se negro e aceitar-se negro, nomear-se negro, numa sociedade onde o negro é representado por características negativas? Isto resulta num sentimento de inferiorização e, conseqüentemente, na dificuldade de estabelecer uma identidade enquanto negro ou refugiar-se em uma identidade simbólica que não lhe pertence. (MARQUES, Eugenia)⁴

Neste sentido, a identidade social das crianças é construída na negação do que é, o que impossibilita o desenvolvimento de uma identidade pessoal que reflita o âmago, a essência verdadeira do seu ser, forjada das reminiscências da vida pregressa de

⁴ Disponível em www.anped.org.br/reunioes/28/textos/qt21/qt211328int.pdf. acesso 20/03/2012.

seus ascendentes, da ancestralidade de seus antepassados e do compartilhamento das vivências com sua família e seu grupo étnico.

É preciso que as diferenças sejam reconhecidas e respeitadas dentro da instituição escolar. O reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade. Sendo assim, ao discutirmos as relações raciais e de gênero presentes na vida de professores/ professoras, alunos/alunas negros/as e brancos/as estamos rompendo com o discurso homogeneizante que paira sobre a escola e reconhecendo o outro na sua diferença”. (GOMES, 1996, p.26)

5.2. Identidade Negra e o resgate da memória.

Para West, Cornell (2005), a busca da identidade negra é essencial a qualquer debate acerca da igualdade racial, mas ela não constitui apenas um problema político ou econômico. A busca da identidade negra envolve respeito e consideração por si mesmo, esferas que são inseparáveis do poder político e do status econômico, porém não idênticas a eles. Sendo a escola um espaço de poder e, por conseguinte um espaço político é regido por forças que protagonizam e buscam a manutenção de seu status social.

A identidade negra é uma construção social, histórica cultural e plural, é a construção do olhar de um grupo, de sujeitos, pertencentes ao mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

A chamada identidade negra no Brasil, num país onde quase não se houve um discurso ideológico articulado sobre a identidade “amarela” e a identidade “branca”, justamente porque os que coletivamente são portadores das cores da pele branca e amarela não passaram por uma história semelhante à dos brasileiros coletivamente portadores da pigmentação escura. Essa história a conhecemos bem: esses povos foram sequestrados, capturados, arrancados de suas raízes e trazidos amarrados aos países do continente americano, o Brasil incluído, sem saber por onde estavam sendo levados e por que motivos estavam sendo levados. Uma história totalmente diferente da história dos emigrados europeus, árabes, judeus e orientais que, voluntariamente decidiram de sair de seus respectivos países, de acordo com a conjuntura econômica e histórica interna e internacional que influenciaram suas decisões para emigrar. (MUNANGA, Kabengele, 1999, p.28)

A discriminação racial no Brasil tem na aparência e, principalmente, na cor um de seus referentes. As características fenotípicas são consideradas em momentos de seleção e a produção de imagens está atrelada a um padrão branco europeu. Trata-se de uma representação estética racista, reproduzida e difundida no cotidiano de nossas vidas e que se estende ao cotidiano escolar.

Ao veicular estereótipo que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, o livro didático está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais, que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, do processo civilizatório indígena e africano, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (SILVA, 1989, p. 57)

Nesse sentido é importante escola promover ações para resgatar a história, a memória coletiva da comunidade com o objetivo de resgatar quais foram as contribuições do negro para construção da sociedade e da identidade nacional. O resgate dessas histórias não interessa apenas aos alunos de ascendência negra, como diz (MUNANGA,2005,p.16), ele “interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente a branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas.”

De acordo com o mesmo autor:

A memória histórica de um povo não pertence a um grupo específico, pertence a todos que dela participaram independente do pertencimento étnico racial. A identidade nacional é construção de todos os atores de sua história (MUNANGA, 2005, pg.16)

5.3 Metodologia

A metodologia escolhida para aplicação deste Plano de Ação considerou que, para abordar identidade e pertencimento racial na escola, seria necessário primeiro apresentar, sensibilizar e incentivar a discussão sobre as relações étnico-raciais na

escola, trazendo para dentro da escola, ou melhor, tirando da invisibilidade o preconceito e a discriminação reinantes no ambiente.

Destarte, o contexto apresentado ser o que evidenciava um total desinteresse e apatia dos alunos com temas ligados as relações étnico-raciais e à lei 10639/03. Essas posturas letárgicas foram os elementos indutores e motivadores para que eu empreendesse busca por respostas para essa aparente passividade diante de ações que interferiam diretamente nas suas vidas, impondo-lhes caminhos e trajetórias, limitando suas escolhas, determinando seus destinos.

Isto foi determinante para que adotássemos a opção por empreendermos ações iniciais que possibilitassem fazermos discussões com os alunos sobre as relações étnico-raciais, de uma maneira direta, esclarecedora, sem ser impositiva ou coercitiva, que propiciasse uma tomada de consciência que viesse fortalecer sua autoestima, como escreveu Steve Biko (1990, p.25), “o primeiro passo é fazer com que o negro se encontre a si mesmo, insuflar novamente a vida em sua casca vazia, infundindo nele o orgulho e a dignidade”.

Foram selecionados vídeos que tratavam de aspectos ligados às questões étnico-raciais em sua diversidade. Buscou-se oportunizar aos estudantes o acesso à produção de estudiosos e realizadores africanos e afrodescendentes, cujo objeto de estudo, trabalho e pesquisa estivesse ligado a questões que tratam das relações étnico-raciais, com um recorte no recurso áudiovisual.

Neste sentido, foi utilizado um vídeo da palestra de Chimamada Adichie denominado “O perigo de uma única historia” para tratar do conceito de outros caminhos e que o devir é uma possibilidade inerente do ser, é da natureza humana, e que se padecem dessa não aceitação de si, por não reconhecer seu pertencimento étnico, é fruto de uma articulação histórica desqualificante, manipuladora de ideias, com imagens deturpadas e valores culturais, morais, estéticos e religiosos impostos.

Também se utilizou um filme de curta metragem e um documentário, estes dois últimos, realizados pelo cineasta afrodescendente brasileiro, mestre e pesquisador, Joel Zito de Araujo.

5.4. Etapas do desenvolvimento do Plano de Ação

Após análise e apropriação dos conceitos, os alunos foram orientados a elaborar um texto reflexivo⁵ sobre “O perigo de uma Única História”, tese defendida pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie. Era solicitado ao aluno a indicação de possíveis similaridades entre a sua estória e a da palestrante, citando aspectos comuns e situações que porventura tenha sido vivenciadas por ele.

Além das exibições de filmes e documentários, durante os meses de abril e maio foram desenvolvidas atividades de leitura, escrita e reflexões diversas, e envolveram as seguintes turmas:

- a) Turma FRCAA1MA do 1º ano do 3º ciclo - 35 alunos.
- b) Turma FRCAA1MB do 1º ano do 3º ciclo - 33 alunos.
- c) Turma FRCAA2MA do 2º ano do 3º ciclo - 28 alunos.
- d) Turma FRCAA2MB do 2º ano do 3º ciclo - 35 alunos.
- e) Turma FRCAA3MA do 3º ano do 3º ciclo - 30 alunos.
- f) Turma FRCAA3MA do 3º ano do 3º ciclo - 34 alunos.
- g) Turma FRCAA3MB do 3º ano do 3º ciclo - 30 alunos.
- h) Turma FRCAA3MC do 3º ano do 3º ciclo - 30 alunos.

O texto seguinte escrito por uma garota negra, de 13 anos, apresenta o êxito desse Plano de Ação, demonstrando que os objetivos propostos foram cumpridos. É confortador ver uma tese, por mais simples que seja, e a proposta deste Plano de Ação é simples; dar a conhecer, abrir janelas que possibilitem a abertura das portas do mundo, a consciência e o respeito pelo que se é, a reexistência da autoestima.

“O fato de desde criancinha escutar histórias europeias, ouvir que princesas e protagonistas têm “a pele branca como a neve”, cachinhos dourados” e olhos “da cor do céu”, me levou a classificar que brancos/ alemães são os mais bonitos.

⁵ Textos elaborados nas aulas de língua portuguesa ministradas pelas professoras Heloisa e Lany, sobre gêneros textuais, produção de textos e elementos específicos da linguagem.

Assistir TV hoje em dia e ver negros como protagonistas é realmente um susto, porque filmes de Oscar, Premier e Best – Sellers tem que ter protagonistas brancas; virou tradição e acabou sendo regra.

E o engraçado é que nasci numa família negra, e nunca imaginei a Mia Termópolis de o “Diário de uma princesa”, nem a Bella de “o Crepúsculo” negra, porque pelo meu ponto de vista não teria tanto sentido uma negra sendo “a queridinha”. Os próprios Best-sellers brasileiros seguem ideias de outro continente, pois histórias europeias são predominantes no mundo!

Esta palestra, este vídeo me fez autoconhecer e enxergar minhas raízes. Porque, honestamente se eu não deixasse histórias de personagens que nem são brasileiros predominar em minha visão, tenho certeza que imaginaria uma brasileira ou uma africana ganhando um “Oscar”.

Eu sou tão feliz, nunca passei fome e me acho bonita, mesmo não morando nos EUA e não tendo a pele clara. Eu olho para o espelho e não vejo nada de mais, mesmo não tendo olhos azuis e cabelo loiro. Então porque penso que filmes e livros não teriam sentido se negros fossem protagonistas?

Só pode ser ironia, mas depois de assistir ao vídeo da palestra, me identifiquei com a Chimamanda na infância, e agora percebo que preciso é crescer! Ou melhor, cresci nesse exato momento. Autores europeus só preservam suas culturas (suas etnias, costumes, religiões, e gostam de suas características físicas) e já esta mais que na hora de nós brasileiros, asiáticos e africanos preservamos nossas historias, gostarmos de nossas fisionomias, nosso país, nossas conquistas e vitórias...

Se escrevermos falando das coisas que conhecemos, a nossa história terá um gostinho familiar, nosso.” (Rayssa M., 13 anos)

Em um sentido mais geral, visamos identificar o processo de naturalização do racismo no Brasil e como a mídia corrobora e reproduz esse modelo. No texto redigido pelo aluno Wilton, destacamos um trecho que mostra como esse fenômeno da “naturalização do racismo” é percebido, omitido.

O preconceito e a discriminação são pouco valorizados quando acontece contra um negro, mas, já quando é contra um branco é um “deus nos acuda”. Muita gente na sala chamou a menina que estava praticando o racismo no filme de “macaca”, “feiosa” “pretona” e etc.. porém ao mesmo tempo que eles estavam indignados com o racismo estavam também eles praticando o racismo chamando a menina de macaca, parece que quando é com uma negra é natural todo mundo vê e ninguém fala nada.” Wilton, 13 anos.

Finalmente, a nossa intencionalidade foi a de desenvolver a capacidade perceptiva do outro de maneira tal que o reconhecer o outro com suas diferenças e particularidades possibilite o próprio reconhecimento e, por conseguinte, a noção de pertencimento, podendo então reelaborar-se adquirindo um novo olhar sobre seu percurso e de seus semelhantes, traçando e determinando uma trajetória fruto de sua livre escolha.

Neste sentido, o texto abaixo traz elementos de formação de uma identidade racial, da transmutação do indivíduo em sujeito ao despertar da consciência étnica. Um relato de uma aluna introvertida surge estimulado pelo ambiente de respeito à individualidade e diversidade do sujeito, que foi criado a partir das abordagens sistematizadas pelas ações do Plano. Entendendo que esse “depoimento” vem como um desabafo permitido pela autoconfiança estimulada dando a aluna condições e segurança para que pudesse expor sem receios particularidades e intimidades, suas e de sua vida familiar.

“... Talvez minha infância não tenha sido diferente das outras crianças? Não... O fato de ter a pele um pouco mais escura mudou tudo... Minha mãe é branca de olhos azuis e longos cabelos loiros e meu pai negro do cabelo ruim, mas o amor deles não mudou por nada disso.

O tempo passou e meu pai virou alcoólatra minha mãe sustentava então minha família de seis pessoas com um orçamento para 3. Meu irmão se envolveu com o tráfico...bom talvez a sociedade diga que é normal por ele ser negro...

Não ele só cansou de ver minha mãe apanhando, de passar fome e de às vezes tomar socos no rosto dado por meu pai. Ele só não foi sincero com ele mesmo e foi para o outro caminho achando um amenizante para sua dor...

Talvez as pessoas digam que eu sou ignorante, escrota e negra. Por ser negra tenho de ser 10 vezes mais. Talvez eu não seja uma pessoa revoltada por ser negra, mas sim por ter visto a “cinderela” de olhos azuis apanhado de faca e cinto do negro que era para ser um exemplo para mim.

Talvez eu seja assim por ter cansado de ver coisas que eu não queria ter visto, ter ouvido.

Aos cinco anos de idade meu irmão morreu atropelado, e as cicatrizes estão abertas ate hoje, mas estou levando em frente como minha mãe diz: “você é

negra e por isso nada pode te abalar, seja dez vezes mais sempre e conseguirá a vitória na vida...”.

Eu sou J. sou negra e tenho muito orgulho disso.” J., 13 anos.

Os relatos e reflexões dos alunos demonstraram que era infundado o receio que tínhamos de que eles teriam dificuldade no entendimento e na compreensão das subjetividades, em ver que na mídia, os negros interpretam papéis de subalternos, funções que os negros desempenham comumente na vida real, como: camareira, copeira, motorista. Este receio foi totalmente dissipado pela propriedade das análises e observações feitas dos alunos, e por isso, fizemos a opção de transcrever literalmente os trechos selecionados, sem correções ou acréscimo, a autêntica e real voz dos alunos;

“Todos os vídeos que assistimos foram muito educativos e interessantes, mostrando que o negro mesmo sofrendo um grande preconceito e discriminação pela sua cor, não deixa de lutar pelos seus direitos e suas ideias.” Danielle, 13 anos.

“Eu acho essa coisa de racismo uma grande palhaçada [...] acho que não tem o porquê disso, todos nós somos humanos, iguais e deveríamos ter os mesmos direitos, só porque uma pessoa é negra que ela não pode ter uma vida bacana? uma condição melhor? ter várias e várias chances de ser alguém na vida? Tem pessoas que não acham isso, são preconceituosas, tem gente que trata a pessoa negra como fosse um animal, como se ela fosse de outro mundo e isso é muito errado e as pessoas tratam assim não só os negros, mas também uma pessoa que é meio gordinha, magra, as pessoas fazem brincadeiras de mau gosto deixando a pessoa mal. Acho essa atitude errada porque somos todos iguais.” Anna C., 13 anos.

Filme: “A Negação do Brasil”: Reflexões e comentários dos alunos

“Vivemos e nos deparamos com a negação do negro diariamente [...] o negro ser discriminado racialmente, é uma coisa tão comum no dia-a-dia, que quase ninguém percebe mais ou faz nada para acabar com isso.” Taylan, 13 anos.

“Esse documentário me fez admirar ainda mais a sociedade negra, que tem que lutar pelos seus espaços em todos os lugares. Como pode algumas

peessoas pensar que seria melhor um ator branco pintar a cara de preto para fazer o papel de um negro? Mas se não podemos mudar o passado, devemos mudar o presente...” Evelyn 13 anos.

“É interessante mostrar sobre o racismo em plena televisão, o como ofendia aos telespectadores negros que assistiam às novelas na época, e sobre a dificuldade que o negro tinha ou ainda tem de se afirmar prá fazer carreira na televisão.” Gustavo, 14 anos.

“Eu achei um absurdo na novela “A escrava Isaura” a escrava ser uma mulher branca. Mas como assim ela ser branca? se fosse falar de escravo que falassem a verdade, e não por uma branca para todos sentirem pena dela.” Gian, 13 anos.

“Todos os negros que aparecem no documentário dando depoimento tem orgulho de ser negro é estão sempre lutando pela igualdade racial [...] Eu amo a minha raça!” Giulia, 14 anos.

“Vivemos em um país muito desigual onde uma cor da pele branca predomina sobre a negra. Acho que as pessoas esquecem que o caráter das pessoas conta muito mais do que a cor da pele e se queremos um país digno, justo, devemos acabar com o preconceito racial. Verônica, 13 anos.”

“Prá mim só foi deixando mais claro o que eu já estava começando a entender, que nesse mundo nada é fácil, nada é simples e as pessoas mesmos depois de muitos anos de vida continuam sendo equivocadas e prepotentes. Tiram conclusões preconceituosas e precipitadas e são incapazes de ver que independente da nossa cor somos todos iguais. embaixo da pele todo mundo tem a mesma cor.” Rayane, 13 anos.

“Mas pelo menos com o tempo nos negros estamos conquistando nosso espaço e nossa identidade de pessoas que sofreram, mas venceram!” Wendell, 13, anos.

“O perigo de uma Única História”: Reflexões e comentários dos alunos

“Todo mundo tem suas qualidades independente da cor, de ter dinheiro ou não ter, não importa. basta não desistir de seus sonhos, correr atrás e mostrar que você é capaz.” Fernanda R., 13 anos.

“Geralmente a história fica conhecida apenas pelo ponto de vista de quem tem interesse em dominar. Conhecer apenas uma versão das historia faz com que perpetuamos injustiça e opressão no mundo” Gustavo, 14 anos.

“... se continuarmos com o preconceito racial, não vamos a lugar nenhum, pois devemos tratar os outros como gostaríamos de ser tratados” Izadora, 13 anos.

“... Essas histórias que ainda estamos vivenciando hoje. ela não teve medo nem vergonha e lutou ate o fim pra provar que o negro também é gente [...] levo uma lição para minha vida; nunca ter vergonha da minha raça e provar para todos que posso ser igual ou melhor que eles...” Adriana 12 anos.

Filme “Vista minha pele”: Reflexões e comentários dos alunos

“Eu vejo como um jeito estratégico, pois se fosse uma branca discriminando não daria o mesmo impacto, pois isso estamos acostumados a ver”. Thays V. 12 anos.

“Eu vejo a inversão de papeis no filme muito inteligente, pois faz com que os brancos sintam na pele o que os negros vivem diariamente”. Taylan, 14 anos.

“Porque isso; o preconceito, o racismo já faz parte do cotidiano brasileiro” Ramon, 12 anos.

“Porque discriminação racial já esta se tornando aceitável para o brasileiro.” Giovanna, 13 anos.

A partir dos vídeos, foram levantados temas para reflexão e sobre os quais os alunos escreveram:

Ser negro, ser Branco no Brasil.

“Ser negro no Brasil é ter que aprender a encarar o preconceito todos os dias, conviver com piadinhas idiota que os outros fazem, ser tirado pela aparência e não pela experiência, na ter oportunidade de um bom emprego

só pela cor e sofrer em silêncio todos os dias [...]Eu sou negra e tenho orgulho disso!” Giulia, 14 anos.

“Branco significa ser mais respeitado e ter mais oportunidades e negro significa sofrer discriminação e ter menos oportunidades.” Taylan, 14 anos.

“Ser negro é nascer para trabalhar, isso no pensamento da maioria das pessoas brancas.” Glayson, 14 anos.

“Ser branco no Brasil é ter condições financeiras, ser negro já é ser humilde e pobre.” Larissa M, 12 anos.

“Eu acho que ser branco significa ter mais dinheiro e mais poder e ser negro é ser pobre e ser discriminado.” Larissa, 15 anos.

Sugestões de estratégias para combater as atitudes preconceituosas e discriminatórias na escola.

“Os professores deveriam falar abertamente a respeito do racismo [...] incentivar os alunos que sofrem com preconceito e a discriminação a denunciar sempre”. Pedro H., 14 anos.

“Uma estratégia seria a de cobrar multa dos preconceituosos.” Matheus, 11 anos.

“Passar mais vídeos como estes ou até mesmo um teatro na minha opinião ia ajudar” Giovanna, 13 anos.

“... espalhar cartazes na escola para que todos fiquem sabendo: o racismo é crime” Camila, 12 anos.

“Palestras com temas que falem que somos todos iguais” João, 12 anos.

“Reforçar a lei que proíbe a discriminação racial, fazer palestras para falar sobre o assunto e conversar mais com os alunos sobre o racismo”. Taylan, 14 anos.

“Leis mais rigorosas, palestras para dar consciência aos alunos” Thays V. 12 anos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu não sou apenas aqui agora, enclausurado na minha coisidade. Sou para além e para outra coisa. Exijo que leve em consideração minha atividade negadora, na medida em que persigo algo além da vida imediata; na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos.”

Frantz Fanon

Nesses meses de estudo buscamos aprimorar nossos conhecimentos, na expectativa de um maior domínio sobre os princípios elementares constituintes da temática: relações étnico-raciais no Brasil. Temos hoje dúvidas que não tínhamos, porém, temos a certeza de que o aumento das dúvidas foi em decorrência natural da percepção da complexidade dessas relações.

A experiência de conceber e colocar em prática esse Plano de Ação foi desafiadora, dentre os desafios destaco a falta de articulação na escola, onde o discurso e prática não deveriam ser apenas elementos retóricos como hoje se tornaram, ignora-se que se temos a responsabilidade trabalhar em prol de uma sociedade justa e democrática e isso passa pela responsabilidade de discutir a temática e pela ética de se ser profissional da educação que deve empreender esforços para acolher a todos, independentemente de sua raça.

Para a condução desse Plano de Ação foi importante compreender que a identidade negra para além do reconhecimento, é uma construção social, histórica, cultural, de vertentes precípuas: social e pessoal, constituída pelos significados derivados do olhar de grupo ou de sujeitos pertencentes a um mesmo grupo étnico/racial, um olhar sobre si mesmo, a partir da relação com o outro.

A escola é um espaço de poder, logo, é um espaço político, regido pelas tensões entre os protagonistas e antagonistas, e, nesse contexto, é preciso interagir compreendendo as subjetividades implícitas em todos os processos. É um processo

que exige luta, é árduo e deve ser contínuo. É imprescindível lutar pelo direito de ser reconhecido como um sujeito com plenos direitos, reivindicar oportunidades sejam distribuídas ou que critérios os respeitem a equidade.

A luta contra o racismo, a discriminação racial e todas as formas de intolerância em relação às diferenças devem ser assumidas como uma causa de todos. Para isso, faz-se necessário a mudança no pensamento coletivo da sociedade brasileira e na escola, no entendimento que a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, um projeto conjunto visando à construção de uma sociedade, igualitária, justa e equânime.

Nesse contexto, a escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso e possibilidade a esses grupos de conhecerem suas raízes, vivenciarem sua verdadeira história.

Na próxima versão deste Plano de Ação pretende-se incluir o histórico da atuação e a relevância das organizações do movimento negro, relatando como essas organizações e movimentos contribuíram decisivamente para a destituição da ideia generalizada de que no Brasil vive-se uma democracia racial.

Sabemos que pequenos passos podem provocar grandes mudanças, e é o que espero ter acontecido com esses estudantes. Mudanças que signifiquem um novo paradigma, com sua história, sua raça, sua ancestralidade, um re-existir como forma de resistência.

7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira- São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

BIKO, Steve. Escrevo o que eu quero. Tradução Grupo solidário São Domingos. São Paulo: Editora Ática, 1990.

CARVALHO, José Jorge. Racismo fenotípico e estético da segunda pele. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/cep/jose_jorge.htm> acesso 20/06/2012.

CASTELLS, Manuel, “O Poder da Identidade (A era da informação: economia, sociedade e cultura)”, São Paulo: Paz e Terra, 1998, 2ª Ed.

_____. “Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antiracistas no Brasil”. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994.

CAVALLEIRO, Eliane in *Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma. Alguns termos e conceitos Presentes no Debate Sobre as Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei nº10639/03*. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

GOMES, Nilma Lino in *Revista Brasileira de Educação versão impressa* ISSN 1413-2478 rev. Bras. Educ. n.23 Rio de Janeiro maio/ago. 2003.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. *In: MUNANGA, K (org.). Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2005.

_____. Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1999.

SANTOS *in* Francisca Maria do Nascimento Sousa *in* Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Renato Emerson dos; e LOBATO, Fátima (orgs.). *Ações Afirmativas: Políticas públicas contra as desigualdades raciais*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

SILVA, Ana Célia da. *Ideologia do embranquecimento. Identidade negra e educação* Salvador-BA: Editora Ianamá, 1989.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes da. O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade disponível *in* http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%Cancia%20da%20m%CDdia.pdf acesso 18/05/2012.

WEST, Cornel. Além da ação afirmativa: igualdade e identidade *IN: Revista Advir* – Rio de Janeiro. ASDUERJ. Nº 19. Setembro de 2005.

